

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas



**Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)**

Atena
Editora
Ano 2021

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas



**Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)**

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Da teoria à prática em pesquisas nas ciências sociais aplicadas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Maristela Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Da teoria à prática em pesquisas nas ciências sociais aplicadas / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-944-8

DOI 10.22533/at.ed.448210104

1. Ciências sociais. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Carneiro, Maristela (Organizadora). III. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea reúne capítulos que versam sobre os trânsitos da teoria à prática. Para tanto, há que se pensar em uma teoria e uma prática que estejam além do discurso descompromissado do cotidiano, afinal pensar a respeito de algo e agir sobre não são movimentos indiscutivelmente divorciados e irreconciliáveis. É evidente que entre as elaborações teóricas desenvolvidas no ambiente acadêmico e a implementação de políticas públicas robustas que efetivamente afetam positivamente as vidas das pessoas, há um longo caminho.

Dito isso, ao contrário do que sugere o senso comum, teoria e prática não são oponentes, mas apenas segmentos distintos do mesmo processo.

Sem compreender como uma sociedade se constituiu historicamente e quais são as estruturas que a governam, não é possível detectar possíveis problemas, elaborar alternativas ou proporcionar inovações. O Brasil, problema maior do qual emanam todos os dilemas menores investigados nestes textos, construiu-se ao longo de cinco séculos preservando fortes estruturas coloniais, classistas e racistas, algo que, enquanto visto como uma realidade cristalizada no passado por uma parcela privilegiada da população, ainda marca profundamente nossas negociações sociais, permanecendo muito viva nos combates cotidianos.

A presente coleção compreende trabalhos que abordam questões pertinentes ao direito e aos desdobramentos jurídicos, às políticas educacionais, às iniciativas de desenvolvimento econômico, à manutenção da saúde física e mental, à segurança pública e ao empreendedorismo. Todos estes temas, embora caracterizados por incontáveis especificidades no que diz respeito às metodologias adotadas e resultados esperados, são fundamentalmente elaborações emanadas da malha social, de tal maneira que todos devem ser contemplados por uma mirada global e complexa dos ambientes em que residimos e construímos nossas vidas coletivas.

O estudo das dinâmicas aqui expostas aponta para um desenvolvimento positivo, uma conexão mais visível e fortalecida entre o espaço acadêmico e o mundo fora dos muros das universidades ou da vida acadêmica. As pesquisas que compõem essa obra são sintomáticas de núcleos de pesquisa cujo olhar está voltado para as ruas, praças, postos de trabalho e núcleos populacionais que fazem parte de nossas vidas e demandam nossa atenção.

A vida humana, justamente por sua composição essencial e inevitavelmente social, existe em constante fluxo. Nossas existências, compulsoriamente coletivas (por mais que tentemos nos pensar autossuficientes) são caracterizadas pela mudança, e é através do estudo aprofundado e reflexivo dessas relações dinâmicas, como as investigações aqui reunidas, que podemos esperar constituir sociedades mais estáveis, inclusivas e justas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

(DES)COLONIALIDADE, DIÁLOGO INTERCULTURAL E ETNORECONHECIMENTO NOS MUSEUS: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO E A MUSEOLOGIA CONTEMPORÂNEAS

Maria Amelia Souza Reis

DOI 10.22533/at.ed.4482101041

CAPÍTULO 2..... 20

A DESCONSIDERAÇÃO DA PERSONALIDADE JURÍDICA NA REFORMA TRABALHISTA E SEUS IMPACTOS NO DIREITO EMPRESARIAL

Josemar da Silva Abrantes

Renata Silva Gomes

DOI 10.22533/at.ed.4482101042

CAPÍTULO 3..... 27

A GESTÃO DO CONHECIMENTO COMO AUXÍLIO À INTELIGÊNCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Felipe Pereira de Melo

Arthur Gualberto da Cruz Bacelar Urpia

Rejane Sartori

DOI 10.22533/at.ed.4482101043

CAPÍTULO 4..... 43

A IMPORTÂNCIA DA SAÚDE FÍSICA E MENTAL DOS POLICIAIS MILITARES DO ESTADO DO PARANÁ

Cristiano José Barreto

DOI 10.22533/at.ed.4482101044

CAPÍTULO 5..... 53

A PRÁTICA DA LEITURA NO PROCESSO DE (RE)SOCIALIZAÇÃO

Hillary Mariane Lapas Fujihara

Patricia Helena de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.4482101045

CAPÍTULO 6..... 68

A RECEPÇÃO E A REELABORAÇÃO DO CONCEITO DE PLANIFICAÇÃO POR GUERREIRO RAMOS (1945-1953)

Alan Caldas

DOI 10.22533/at.ed.4482101046

CAPÍTULO 7..... 83

ANÁLISE FOLHA DE PAGAMENTO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL/RN, NOS ANOS DE 2012 A 2016 – RUBRICA SALÁRIO FAMÍLIA

Clara Larissa Pinto de Araújo

Edzana Roberta Ferreira da Cunha Vieira Lucena

Erivan Ferreira Borges

DOI 10.22533/at.ed.4482101047

CAPÍTULO 8.....	88
ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE LIDERANÇA E CAPACIDADE ABSORTIVA DO CONHECIMENTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	
Daniela de Oliveira Massad	
Daniele Santos de Oliveira Archanjo de Souza	
Andreia Maria Pedro Salgado	
Édis Mafra Lapolli	
Fernando Augusto Silva Marins	
DOI 10.22533/at.ed.4482101048	
CAPÍTULO 9.....	100
CAIR, LEVANTAR E RECUPERAR: RESILIÊNCIA FINANCEIRA DOS MUNICÍPIOS PARANAENSES FRENTE A DESASTRES CLIMÁTICOS	
Tomas Matheus Giacomet de Oliveira	
Priscila dos Santos Schiavo	
Denis Dall'Asta	
Clóvis Fiirst	
DOI 10.22533/at.ed.4482101049	
CAPÍTULO 10.....	111
CERÂMICA VIVA	
Isabela Frade	
DOI 10.22533/at.ed.44821010410	
CAPÍTULO 11.....	124
COOPERAÇÃO TECNOLÓGICA: ALTERNATIVAS À PRODUÇÃO DE INOVAÇÃO DECORRENTE DE PESQUISAS BÁSICAS DESENVOLVIDAS NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR	
Samantha Frohlich	
Eliana Cunico	
Gabriela Christ	
DOI 10.22533/at.ed.44821010411	
CAPÍTULO 12.....	140
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL: DOIS LADOS DA MESMA MOEDA?	
Ralph José Neves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44821010412	
CAPÍTULO 13.....	152
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E INOVAÇÃO SOCIAL NO ALTO JEQUITINHONHA – MG: OS CÍRCULOS DE COOPERAÇÃO SOCIAL	
Allain Wilham Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.44821010413	

CAPÍTULO 14.....	174
ELEMENTOS RELEVANTES NO PROCESSO DE COPRODUÇÃO NA PERCEPÇÃO DA EQUIPE	
Gladys Milena Berns Carvalho do Prado	
Roberto Carlos dos Santos Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.44821010414	
CAPÍTULO 15.....	185
ENTIDADE ASSISTÊNCIAL: CENTRO DE REFERÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL (CRAS) DE SÃO JOÃO DA URTIGA	
Bruna Hariane da Costa	
Emanuel Zanandréa	
Valéria Fracaro	
Valquíria Scolari	
Willian Sbruzzi	
DOI 10.22533/at.ed.44821010415	
CAPÍTULO 16.....	204
ESTADO DA ARTE DA PESQUISA EM PERÍCIA CONTÁBIL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA EM ESTUDOS NACIONAIS DURANTE O PERÍODO DE 2008 A 2018	
Clara Alice Spies	
Lucimara Aparecida Zancheta	
Liliane Dalbello	
DOI 10.22533/at.ed.44821010416	
CAPÍTULO 17.....	226
GOVERNANÇA METROPOLITANA NA ESCALA LOCAL FRAGILIDADES, ENTRAVES E POSSIBILIDADES DOS MUNICÍPIOS DO VETOR NORTE DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE	
Natália Aguiar Mol	
Sophia Guarnieri	
Barbara Lúcia Pinheiro de Oliveira França	
Jordan de Oliveira Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.44821010417	
CAPÍTULO 18.....	243
GUIA PRÁTICO DE ATENDIMENTOS EM COACHING COM FERRAMENTAS COMPORTAMENTAIS, DE PLANEJAMENTO E DE GESTÃO	
Vera Ruth de Carvalho Fidalgo	
Rilvanda Maria Pires Santos	
Caroline das Graças dos Santos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.44821010418	
CAPÍTULO 19.....	275
IDENTIFICAR A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EMPREGABILIDADE DOS EGRESSOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO	
Luiz Laertes de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.44821010419	

CAPÍTULO 20.....	297
INCLUSÃO DIGITAL EM JOGOS DIGITAIS EDUCACIONAIS: ANÁLISE POÉTICA DO JOGO SOLITAIREQUIZ	
José Roberto Cordeiro	
Luciane Maria Fadel	
DOI 10.22533/at.ed.44821010420	
CAPÍTULO 21.....	309
INSTRUMENTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA O CONHECIMENTO CIENTÍFICO: ATIVIDADE INTEGRADORA DO PLANEJAMENTO A PRÁTICA	
Fábio Teixeira Lima	
Felipe Lopes de Lima	
Gernei Goes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44821010421	
CAPÍTULO 22.....	320
MU (SEU): ESPAÇO DE CONEXÃO COM O PÚBLICO	
Aline Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.44821010422	
CAPÍTULO 23.....	332
NARRATIVAS DE VIDA DE SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: EXPRESSÃO HUMANISTA DOS DIREITOS DAS MULHERES NA AMÉRICA LATINA	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.44821010423	
CAPÍTULO 24.....	346
O PAPEL DE ATUAÇÃO E INTERVENÇÃO DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL(CRAS) DE UBATÃ-BAHIA E A POPULAÇÃO ATENDIDA ENTRE 2016 E 2017	
Pricila Pereira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44821010424	
CAPÍTULO 25.....	359
OS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM EM UM PLANO DE AULA SEGUNDO O MÉTODO DA NEOAPRENDIZAGEM	
Gladys Milena Berns Carvalho do Prado	
Graziela Grando Bresolin	
Patricia de Sá Freire	
Roberto Carlos dos Santos Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.44821010425	
CAPÍTULO 26.....	373
RACISMO, MACHISMO, SEXISMO NA PUBLICIDADE: UM DILEMA ENTRE A CRIATIVIDADE E O DISCURSO POLITICAMENTE CORRETO	
Marina Aparecida Espinosa Negri	
DOI 10.22533/at.ed.44821010426	

CAPÍTULO 27.....	388
TÉCNICAS DE ANÁLISE DE PROJETOS DE INVESTIMENTOS – UM ESTUDO DE CASO EM UMA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA	
Amanda Silva Abrão	
Glória de Freitas Rocha Ribeiro	
Leôncio Campos Gouveia	
Mariana de Pádua Alves	
Marcos Roberto Alves da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.44821010427	
CAPÍTULO 28.....	405
BIBLIOMETRIA COMO TRILHA DE CONHECIMENTO E PESQUISA	
Rafael Angelo Santos Leite	
Marina Bezerra da Silva	
Iracema Machado de Aragão	
Maria Emilia Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.44821010428	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	418
ÍNDICE REMISSIVO.....	419

CAPÍTULO 10

CERÂMICA VIVA

Data de aceite: 22/03/2021

Isabela Frade

Universidade Federal do Espírito Santo
<http://lattes.cnpq.br/057696830348730>

RESUMO: O texto apresenta aspectos abrangentes sobre a arte cerâmica no âmbito acadêmico extensionista apontando a dupla natureza em seu caráter sociotécnico: (a) seu caráter prático envolvendo o aprendizado de técnicas e processos básicos de modelagem e moldagem em construção tridimensional, processos de secagem e queima na transformação material da argila em cerâmica e (b) seu caráter epistêmico e cognitivo, indicando coordenadas artísticas de determinados modelos culturais relevantes entre formas tradicionais e contemporâneas da arte cerâmica, na proposição de uma abordagem crítica sobre os processos que apontem o campo expandido da cerâmica no âmbito acadêmico, tomando como referência o ambiente extensionista praticado no Projeto Cerâmica Viva em duas décadas de experimentações e vivências.

PALAVRAS - CHAVE: Projeto de Arte, Cerâmica, Comunidade de Aprendizagem, Extensão Acadêmica.

LIVING CERAMICS

ABSTRACT: The text presents ceramic art's comprehensive aspects in the academic scope of extension, pointing out its dual sociotechnical

nature: (a) its practical character involving the learning of basic modeling and molding techniques and process in three-dimensional construction, drying and firing processes in the material transformation of clay into ceramics and (b) its epistemic and cognitive character, indicating artistic coordinates of certain relevant cultural models between traditional and contemporary forms of ceramic art, by proposing a critical approach to the processes that point to its expanded field, taking as a reference the extension environment practiced within the academic Cerâmica Viva Project for two decades of experiments and living experiences.

KEYWORDS: Art Project, Ceramics, Learning Community, Academic Extension.

INTRODUÇÃO: A CERÂMICA COMO PROCESSO ARTÍSTICO NO AMBIENTE DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM SUA DIMENSÃO VITAL

Sobre os aspectos teórico/práticos da cerâmica, podemos ressaltar que a relação entre as dimensões dos planos matéria/vida/corpo/pensamento/sociedade são integrados, entrelaçados nos poderes ativados do criar e imaginar. É inevitável, logo no primeiro contato, ao tomarmos uma bolota de barro nas mãos, sermos tomados por sua qualidade odorífera, sua umidade e maleabilidade, esse frescor perfumado de terra, que imediatamente ativa nosso corpo, pedindo respostas sensoriais. Por outro lado, ao amadurecermos no contato com

a história e a geografia desses saberes cerâmicos, sermos invadidos pelas imagens de muitas outras sociedades, em distintos tempos e espaços. Não há cultura que não tenha um trato com a cerâmica. É potencialmente, portanto, a história da humanidade que está em nossas mãos e chega até ao nosso pensamento.

Podemos dizer que foi o barro que produziu a humanidade ou, mais acertadamente, que a humanidade se produziu através do barro, pois vemos as primeiras marcas humanas pelas pegadas deixadas na lama como possíveis caminhos para a criação das imagens de representação e simbolismo. Na virada Neolítica, vemos a cerâmica surgir com a agricultura: quando o grão pode ser guardado, o trabalho foi preservado e acumulado, garantindo a fartura necessária para sustentar maiores agrupamentos, a estabilidade da família e a superação das crises climáticas. Nas figuras das pequenas deusas ou mães ancestrais como hoje são identificadas as figuras esculpidas no campo do “divino feminino” (CAMPBELL, 2020), corpos em cerâmica modelada em amplo espectro imagético, apresentando o feminino em uma miríade de formas. Aparecem primeiro na região da Anatólia, por volta dos anos 6500 – 6000 AC e seguem revelando facetas sobre o humano em seus primórdios. “Em geral, pensa-se na Deusa apenas como uma deidade da fertilidade. Longe disso, Ela é musa. Ela inspira a poesia.”(Op. cit. p. 69).

Algumas dessas imagens eram gravadas em pedra ou em ossos, mas a cerâmica, exigindo a transformação material na queima, nos aponta a um estágio de desenvolvimento técnico superior, índice de uma sociedade amadurecida na relação de vínculo com a terra, fonte do nascedouro da agricultura primitiva. O excedente, força contida e guardada, produziu a cultura e a arte em modos de agenciamento na comunicação, na comunhão, na interpretação do mundo e elaboração da linguagem. É um fato comentado pelas notáveis ceramistas Sílvia Costa e Eliane Penido (1999) que essas primeiras condições técnicas ainda presidem o labor cerâmico no contemporâneo, apesar do desenvolvimento de equipamentos sofisticados, com alcance em precisão computacional, que esses mesmos gestos de amassar o barro, modelá-lo com as mãos ou talvez com o torno, outro equipamento arcaico com pelo menos 5000 anos de referência (FRICKE, 1977), ainda sejam evocados e façam sentido como veículos de expressão hoje.

O barro é o material comum à toda a superfície do planeta, existindo com diferentes composições, colorações, graus de plasticidade e resistência. São solos oriundos de processos sedimentares, decompostos por atividade química ou mecânica do ambiente, oriundos de rochas feldspáticas (Op. Cit.). A plasticidade é resultado dos fluxos de água na matéria, que absorve e mantém a adesão das partículas em suspensão relativa, conferindo o atributo responsivo ao toque humano quando úmida e sua forma estável, quando seca. É um material de baixo custo por sua abundância e benéfico ao corpo humano no manuseio, consistindo em verdadeira terapia para muitas enfermidades, males físicos e/ou psíquicos podem ser mitigados com sua manuseação. Há muitas propriedades de certas lamas terapêuticas potencializadas com certos elementos químicos do solo, como o magnésio

ou o carvão.

Pelo aspecto cultural, reconhecemos, especialmente no Brasil e por toda a América Latina, exemplos notáveis de processos técnicos; porém, infelizmente, pouco conhecidos e divulgados por nossos historiadores da arte. Pela crítica descolonizante, reconhecemos na cerâmica uma forte aliada, uma vez que está presente em todos os espaços e modos, especialmente na arte popular e nas culturais arcaicas, constituindo um caminho interessante pelo campo multicultural através da reunião em conjunto de suas práticas.

Esses aspectos levantados são os principais motivos pelos quais nasceu o projeto em cerâmica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na Faculdade de Educação, ao notarmos uma total ausência de conhecimento por parte dos colegas do Departamento de Educação Artística na época (1996) e, portanto, em uma instância complementar, extensionista. E designou-se Viva por pretender um diálogo com seus praticantes, em gerar um campo de relações entre pesquisadores, educadores, artistas e artesãos, fazendo da *Oficina da Terra* (assim chamou-se o seu primeiro laboratório) um espaço de trocas e aprendizado mútuo na universidade. São reflexões sobre algumas experiências desenvolvidas a partir desse laboratório que iremos desenvolver no correr do texto.

Uma Pedagogia da Terra

Ser a forma de algo é ser seu ato.

Logo, nenhuma parte daquilo que é a forma
de algo pode ser matéria, que é potência pura.

Tomás de Aquino

(De Substantis Separatis)

As propostas que o projeto implementou foram propiciadoras de uma prática educativa que objetivava aprofundar o pensamento sobre a matéria em sua relação com a experiência humana: sua propriedade plástica como suporte de criação, construção e expressão de conhecimento. Uma educação inclusiva ao considerar que qualquer patamar cognitivo ou habilidade física pode fazer dela um bom recurso, uma vez que a cerâmica é um campo de múltiplas possibilidades construtivas e ideacionais e, ainda, por sua abrangência cultural, incluindo numerosas manifestações - desde a escultura das Belas Artes até o artesanato mais modesto, porém vigoroso, das paneleiras. Não há quem não tenha lidado com o barro, seja brincando com suas mãos quer usando seus objetos, entre pratos, taças e jarras ou tijolos e lajotas, azulejos, telhas ou os componentes mais sofisticados da biomecânica, como próteses ósseas, como exemplos de como vivemos imersos em relações com esse material. Essa abrangência no uso do material e seus derivados nos traz uma modalidade intrínseca na relação de uma “Pedagogia da Terra”: sua dimensão horizontal, rompendo a

relação de oposição entre o alto grau de especialização do saber acadêmico e o senso comum, onde as distintas bagagens podem ser equalizadas na relação da troca direta com o fazer. Estavam assim arrolados os artistas populares e os eruditos em uma mesma plataforma, oficineiros, aprendizes e/ou ensinantes.

Bachelard foi uma referência pujante. Seus apelos a uma imaginação material contida em *A Terra e os Devaneios da Vontade* são cativantes e, ao pensar a massa – argila - nos leva ao mundo do mesomorfo, na cooperação contínua e equilibrante entre a terra e a água:

“essa cooperação das substâncias pode dar origem a uma verdadeira *luta*: pode ser contra a terra um desafio de potência dissolvente, da água dominadora – ou então contra a água um desafio de potência absorvente, da terra que seca”. (p. 61).

Para o filósofo, a massa é marcada pela ambivalência, o estado intermediário entre a água e a terra. São as potências da massa que ativam o primeiro fazer na cerâmica, pois se parte de um estado plástico que se requer para o trabalho de modelagem. É preciso então equilibrar esse estado: quando a massa se forma, ela permite que o corpo terroso se equilibre, se concentre em uma forma única, formando um bloco maleável. A esse estado, denominamos “terra doce”, pois a argila, quando bem equilibrada em sua humidade, é altamente sensível ao toque, respondendo a movimentos mínimos e sendo capaz de registros delicados.

Em restringir-nos momentaneamente ao universo cultural do ocidente (considerando a dimensão desse universo no oriente uma dimensão especial que, pelo seu lastro social, foi uma arte apurada e privilégio dos nobres), como recurso ao nosso argumento, e olharmos a linha do tempo através da cerâmica, vemos que sua presença na arte é uma constante, ainda que tenha seus altos e baixos. Na antiguidade, era largamente utilizada para todo o tipo de função e também chegando ao ápice estético com a olaria grega, entre formas e trabalho pictórico apurados. Na Idade Média a cerâmica recolhe-se como objeto de uso diário, mas na escultura neoclássica foi considerada a *alma mater* do bronze, uma vez que servia como matéria prima formante, a apoiar a feitura ao molde para o derretimento do bronze. Também com a argila eram feitos os estudos preparatórios para a elaboração do modelo nos outros materiais “duros”. Permaneceu constante no modesto campo da olaria, destituída da nobreza do mármore e do granito, mas habitante do cotidiano doméstico e fabril. A descoberta da fórmula da porcelana (vinda do Oriente) tornou seu aporte um fazer de luxo, servindo ao colecionismo na nobreza e na alta burguesia.

Chegamos ao campo do design com a escola alemã Bauhaus nos anos 20 equilibrando as dicotomias entre a arte e a tecnologia, recuperando o fazer da cerâmica tradicional e o papel do mestre oleiro aliados aos aspectos da estética *art déco* imbuída no funcionalismo. Nesse cenário, também temos a formação da cerâmica de estúdio ou o “studio potter” quando podemos indicar como sendo o momento onde nasce a figura

do “ceramista”, essa figura híbrida entre o artista e o artesão. Esse movimento repercutiu na Inglaterra dos anos 40 através de Bernard Leach (1887-1978) que, tendo vivido como aprendiz no Japão nos anos 1909/20 e absorvido as práticas imbuídas no zen budismo, regressa com o objetivo de disseminar essa linhagem na integração com a cerâmica tradicional campesina, promovendo uma perspectiva contracultural de retorno aos modos telúricos da vida no campo, aos modos artesanais de produção e à estética da simplicidade e ao cultivo da integridade na conduta do artista, cultivando a cerâmica como uma prática espiritual (PAIM, 2000).

Na desenrolar da arte moderna, ocorre uma intensa revirada: foi recuperada por artistas como Picasso e Miró que a trouxeram para a escultura; Picasso, no final dos anos 40, no pós guerra, inclusive, rompendo com a dicotomia artístico/utilitário, fazendo esculturas em vasos e potes, pratos e superando a divisão entre arte erudita e popular na sua obra (McCully, 2018).

Na arte contemporânea, temos uma apropriação da cerâmica em uma nova escala, como campo expandido, no diálogo com o arcaico ou com as culturas locais, ressignificando e ampliando sua abordagem. Nesse histórico resumido temos apontado um percurso diversificado e multifacetado, composto por algumas de suas expressões artísticas, tentando compor referências gerais para o entendimento de muitas facetas que a arte cerâmica assumiu ao longo do tempo, permitindo minimamente a compreensão sobre a riqueza deste campo. Cada uma das facetas apontada merece ser esmiuçada e apreciada em seus modos singulares, cada artista contribuindo para o desenvolvimento em uma abordagem própria.

Além de entendermos essa grande abrangência da cerâmica, precisamos perceber que essa arte possui um caráter subalterno que persiste até aos nossos dias, sendo desprezada, considerada uma arte menor. Por outro lado, está vivíssima em muitos outros nichos do consumo estético, nas feiras de artesanato, nos cursos de terapia ocupacional, nas escolas técnicas, nas práticas espirituais e alternativas. O quadro muda na arte contemporânea do nosso século, quando interesse de artistas eruditos e curadores incidem sobre a cultura popular. Essa “virada ao popular, no entanto, não indica a valorização do artista ou artesão, mas a apropriação de elementos produzidos pelo povo, de sua elaboração pelos atores privilegiados no sistema de arte.

A História da Arte Cerâmica possui uma narrativa própria, desenvolvendo-se à margem do sistema de arte oficial desde a formação do que se designa como “Belas Artes” assim como a Pedagogia da Cerâmica se encontra em um outro modo, fazendo-se sabedoria do corpo, de conhecimento sobre si mesmo e da materialidade da terra, de suas nuances e princípios. Assim é que respondo também a questão inicialmente colocada sobre a permanência de práticas ancestrais nos afazeres da cerâmica contemporânea: se dá através seu tipo próprio de aprendizado, que requer domínio das qualidades elementares da matéria e de seus instrumentos, a seguir pelos passos mais simples ao complexo, na

mestria do próprio corpo, no entendimento da modelagem das formas ocas, sejam em giro ou em planificação. Na descoberta dos poderes ígneos, na ascendência sobre seu manejo, pois sem fogo não há cerâmica (seja ele elétrico ou chama, é fogo, é a incineração do barro que produz a cerâmica). E também talvez eu possa explicar a recusa na aceitação da cerâmica no rol das artes maiores. Nesse aspecto, há uma exceção marcante em todo esse conjunto, a obra de Celeida Tostes, na medida em que a artista dedicou-se ao diálogo com a arte indígena e popular, impregnando-se de seus princípios e aproximando-se dos ceramistas populares de modo horizontal, sem desprezar seus sujeitos e seus saberes, mas fazendo de suas obras um campo intenso de auto realização (COSTA; SILVA, 2014).

Celeida era conhecida por sua intensa dedicação ao estudo da cerâmica indígena e aos processos deflagradores da cerâmica na pré-história, reconhecendo neles uma vastidão de experiências a serem revisitadas e compreendidas em outro âmbito que não o evolucionismo falho de uma História da Arte excludente e colonizante. Estando como referência basilar no trabalho desenvolvido no Projeto Cerâmica Viva, Tostes impregnou nossas pesquisas de modo indireto, mas atávico. É a partir de sua obra acadêmica que obtive o parâmetro que me permitiu desenvolver em aproximação com distintos aspectos do fazer cerâmico, abrindo espaço para o diálogo entre sujeitos de diferentes formações, origens sociais, destinos artísticos e percursos de vida.

Uma *Pedagogia da Terra* foi gerada na interlocução das diferenças pela *Oficina da Terra*, um local próprio para a reunião e o apoio de artistas, educadores, artesãos, designers, historiadores e pesquisadores de diferentes áreas, terapeutas, curiosos, pessoas buscando um lugar para se encontrar mais próximo à natureza ou ter a oportunidade de um lazer criativo. Todo esse conjunto de gentes de diferentes lugares e aspirações reunindo-se em um ponto comum, a cerâmica, nos levaram a um patamar de aprendizado livre, onde a troca entre todos era o princípio básico, com o conhecimento técnico sob minha supervisão permeando tudo, unindo os aportes distintos em campo comum de aprendizado.

Muitas vezes, o artista só se dá conta das possibilidades materiais ao experimentar e, ao viver um coletivo investigativo e laboral, em compartilhamento de saberes técnicos e sensibilidades estéticas, em amplitude de conhecimentos. Essas possibilidades se abrem em graus cada vez maiores, até mesmo coisas que não se faria por escolha pessoal são vividas em um grupo ativado pela experimentação.

O sentido maior da *Pedagogia da Terra* é também resultado da relação com a matéria, iniciando-se com própria intencionalidade de quem lida com a cerâmica. Ponto de partida, um projeto individual era sugerido para que se pudesse planejar o acompanhamento de cada participante. Cada um designava seu(s) objetivo(s) e um meio de iniciar o processo, considerando um resultado almejado que servia de parâmetro para a relação entre as experiências arroladas nesse processo. Deste modo, era a integração entre os desejos individuais e a experiência compartilhada que constituíam para cada integrante o seu repertório. Somava-se a essa dupla chave as aulas teóricas e os livros sobre os artistas

e culturas cerâmicas que disponibilizávamos no espaço da Oficina. Esse aprendizado integrava todo o complexo maior da relação entre grupo/indivíduo ao complexo multicultural da cerâmica. A discussão sobre os elementos culturais apresentados seguia expandindo nossos horizontes estéticos, ao relacionarmos as práticas da Oficina com os processos de outros artistas, ampliando repertórios, relativizando as conquistas obtidas no esforço com a matéria ou na descoberta de novas relações com o uso e com a história das coisas.

A presença da Arte Popular, os ofícios do ceramista e os (des)limites da arte contemporânea:

Reconhecendo os aspectos locais de produção cerâmica, organizamos oficinas com artistas populares dedicados à cerâmica, especialmente os que estavam indicados por pesquisadores etnógrafos vinculados ao INEPAC, Instituto Estadual de Patrimônio Cultural, órgão da Secretaria de Cultura do Estado: artistas autodidatas que detinham grande domínio do trabalho. Destes, destaco o curso do já falecido Adalton Fernandes Lopes (Fig. 1), morador de Niterói, cidade próxima ao Rio de Janeiro. Adalton Lopes esteve conosco durante três dias, fazendo suas figuras e nos mostrando as táticas desenvolvidas durante muitos anos de lida com o barro. Estivemos em seu atelier, conversamos longamente e o artista sentiu-se prestigiado pelo convite da universidade, e nós encantados com sua disposição de ensinar, de atender a cada um dos participantes e deixa-los com intimidade com o barro, que ele dizia que era mágico. Assim como esse grande artista, muitos passaram pelo nosso atelier como Og e Samuel Salles de São Gonçalo; Adauto Alves Pequeno, de Nova Iguaçu. Os artistas eram entrevistados pela equipe extensinista, refinando nosso contato, aprofundando a abordagem sobre a obra de cada um e levantando os aspectos técnicos, pedagógicos e estéticos na perspectiva própria.



Figura 1: De Adalton Lopes, a obra *Cuidador de Pombos*. A obra apresenta soluções engenhosas do artista, como o poste mantido por arames em sua estrutura interna, em uma massa própria, mistura segredo que ele havia desenvolvido.

Fonte: arquivos da pesquisa.

Assim como outros ceramistas como José Luiz Kinceler, Isabela Sielsky, Rosilda Sá, Sonia Lobato, Rosita Rocha, Leonardo Guimarães, entre outros, também artistas contemporâneos como Lia do Rio e Fabiana Sales estiveram desenvolvendo cursos e ampliando referências, desafiando limites e propondo novas abordagens em outro escopo sobre o que pode ser a arte cerâmica, gerando um campo ampliado de referências estéticas, promovendo o diálogo entre artistas de diferentes formação e origem.

Com o seguir das propostas, criou-se uma comunidade de frequentadores mais ou menos estável, o que contribuiu ao desenvolvimento da proposta *Ateliê Livre*, na abertura do atelier de cerâmica sem nenhuma programação prévia, apenas disponibilizando o espaço e apoio técnico para que artistas pesquisadores de todos os naipes pudessem praticar e trazer mais dinamismo e liberdade ao nosso trabalho. Um *Ateliê Livre* é um espaço para aprendizagem coletiva integrada e seus participantes não estavam submetidos a uma direção contínua de um professor, mas de um apoiador, um supervisor técnico para dar suporte a cada uma das pesquisas. Não havia horário fixo, se poderia estar em uma faixa diária em cada dia da semana, dependente unicamente de quando conseguíamos abrir o ateliê com apoio de bolsistas extensionistas, alunos de artes que se desenvolviam como aprendizes na dinâmica do ateliê coletivo e inclusivo.

Artivismo curatorial – artistas convidados

A cada biênio, promovíamos uma exposição sobre arte cerâmica, convidando artistas para desenvolver um trabalho no Ateliê Livre e apresentar a sua obra. Com Rosilda Sá tivemos a mostra *Dentro, Fora, Junto* quando reunimos nossas expertises para falar de panelas, de objetos demarcados pelo próprio signo da cerâmica. Exploramos a panela como continente. No jogo dentro/fora retomamos o processo de produção imbuídas na ação da aprendizagem de um ofício arcaico: “a sabedoria artesã paneleira: imprimir-se de modo seguro, com intensidade, na natureza dos gestos próprios”. (FRADE, 2018: p.122).

Com Isabela Sielsky, organizamos a mostra *Desapego*, vivência artística imersiva, convidando o público a estar em contato com seus elementos resistentes à mudança e ao deslocamento emocional e a liberdade de existir em movimento. Luiz Sérgio Oliveira (2015), no catálogo da mostra, enfatiza que “O campo da arte tem sido sobressaltado por um contínuo processo de desenfatização do objeto artístico, de desapego desse objeto, rarefazendo sua relevância e sua presença em favor da valorização de novas vivências”. (s/p). As propostas de Sielsky trabalharam essa relação com os objetos e a memória afetiva, recurso para reunir e dialogar sobre o que forma nosso corpo emocional é investido na posse e reclusão dos objetos. O barro estava presente em seu modo líquido, propondo o banho na lama como metáfora do desapego.

Como expressão de um material altamente plástico, a argila é permeável a um extraordinário universo de possibilidades. A cada artistas parceiro, novas adesões e aprendizados iam se formando, na possibilidade de leitura de outros universos possíveis onde a cerâmica era utilizada de modo ímpar.

Do pote à intervenção, da panela à performance

Dentre muitas criações do próprio corpo interno de docente e pesquisadores bolsistas da extensão, a formação de um coletivo feminino de artistas, O Círculo de Arte da Terra, foi uma das mais fortes expressões e teve duração de uma década em crescente intensidade. Resultante advinda do já citado projeto na comunidade Mangueira, inicialmente como projeto Terra Doce – saberes comunais e artes relacionais, o grupo se formou pela reunião de mulheres da comunidade e de artistas da universidade, produzindo a partir de encontros semanais a experiência de um coletivo de arte. Já não bastava a experiência do fazer, mas nascia o desejo de gerar algo com força de significado sobre a condição feminina – chegamos a ter homens no grupo, mas isso ocorreu durante curtos períodos, fortuitamente. No início, a parcela da comunidade propunha a construção de coisas úteis, de fazer coisas para suas casas, preenchendo-as de valor. Seguimos para a obra *Lembrancinhas* marcando o interesse acadêmico sobre os modos de vida na comunidade e essa demanda pela coisas úteis do barro: panelas, jarros, potes, vasos, enfeites: “coisas bonitas para a gente usar”. Esse trabalho nos trouxe a dimensão política do feminismo, quando a apresentamos ao público pelo NEPEM, Núcleo de Estudos e de

Políticas do Estado para a Mulher , em 1999.

Integrado ao processo de aprendizagem integrada e colaborativa entre todas nós, os objetos viraram abrigo de mudas de plantas terapêuticas, na medida em que em muitas conversas, dominavam as receitas fitoterápicas, quando fomos apresentadas à medicina tradicional manguense. Desde exercício surgiu a proposta de levar a público o que já fazíamos entre nós no atelier, levando objetos e instaurando a prática da doação, fazendo um movimento intenso entre mulheres.

Destas iniciativas, surgiram desdobramentos que ampliaram nosso olhar sobre a cerâmica, levando a criar, na Mangueira, o Jardim da Cura, um canteiro de ervas em um cantinho da Rua Icaraí, na Região do Buraco Quente.



Figura 2. O Coletivo O Círculo no projeto Painéis Cantantes. O grupo se reunia no atelier de cerâmica da UERJ para produzir, em diálogo, experiências com a cerâmica.

Fonte: arquivos da pesquisa.

As painéis derivaram em outras obras, como “As painéis cantantes” (Fig. 2) e o “Corpo Oco”, que adquiriram um caminho institucional interessante, nos levando à experimentações na arte sonora. “A cerâmica e sua parede de alumina cristalizada produz o eco desse ovo que me contém. Caixa fêmea. Cada oco é um corpo de ressonância” (FRADE, 2015, s/p).

Outros trabalhos mais livres se desenvolveram em “Corpo de Mulher” e “Projeto Falange!”. Foram exposições próprias ou convites de outros artistas para atuar em coletivas, participação em feiras, festivais, eventos acadêmicos, oficinas. O grupo amadureceu até 2020, quando decidimos parar, pois cada uma já estava em um movimento próprio, artistas desejando passar um período em atividades em separado. Uma pequena fração, no

entanto, desejou continuar a experiência do coletivo e geramos um grupo mais voltado ao ativismo ambiental a partir do olhar feminino em *PHILO*, coletivo ativo com três integrantes do antigo Círculo. Entendemos a urgência em atuar para a aproximação das pessoas com a natureza na efetivação de uma nova consciência ecológica e vemos o barro como um caminho propício. Sendo um dos elementos mais utilizados, poderá conduzir a um diálogo sensível com o meio ambiente: material plástico, ao reunir os quatro elementos primordiais – terra, água, ar e fogo – é capaz de trazer aos sentido a consciência de que modelamos o mundo em que vivemos e, portanto, precisamos assumir essa responsabilidade e fazê-lo juntos, como um ato de união.



Figura 3. Coletivo *O Círculo* em performance *Sororidade*, quando a resistência irmana-se, sendo gerada na proximidade, no encontro e no apoio mútuo. A modelagem se voltando para o trabalho de nossos próprios corpos, na produção de um modo compartilhado de existência.

Fonte: arquivos da pesquisa.

REFLEXÕES FINAIS

Quando o fogo foi controlado em ambientes fechados, como o forno, a cerâmica começou a ser fabricada. De certo entre o simbólico e o prático, entre as estatuetas da divindade e os recipientes de água e alimento, a cerâmica subsistiu até aos dias atuais.

Levy Strauss nos deixou a via dupla do cru e do cozido como a emergência da cultura nesse processo, e podemos abarcar neste domínio o próprio evoluir humano, ainda que os compêndios de História da Arte neguem à cerâmica o seu lugar. No caminho, a desprezada e humilde panela é o espaço privilegiado para a produção da vida. É com ela que os alimentos são preparados e servidos, gerando compartilhamento e a fraternidade. Também a outra via, seu caminho espiritual, é um veio riquíssimo de elementos que nos dizem sobre a natureza humana. Não é à toa que a cerâmica é um dos protagonistas nos estudos arqueológicos. Poderia também ser assim no campo da arte; porém, refletindo pela negatividade, percebemos que sua marginalidade deixou um legado interessante: seu estatuto subalterno a fez arte de resistência. Ela é hoje ressaltada em seus aspectos mais diversos. Admitida no repertório de artistas e acadêmicos, seguiu seu percurso continuamente inventando modos e formas as mais diversas, se fazendo um pujante território para o investigador. Seus processos técnicos seguem sendo refeitos desde às primeiras observações da pegada no chão argiloso e das marcas das mãos nas barrancas dos rios. Esse é um de seus encantos e o que a faz, certamente, como uma das primeiras artes. Joaquim-Manuel Chavarría (1999) nos diria que seu nascimento provavelmente se deu na aliança com a arte da cestaria, o que explicaria o advento da cerâmica com marcas de corda, a primeira forma conhecida dos utensílios de barro, como na cerâmica Jomon, no Japão (11.000 AC). Segundo sua análise, é a partir dessa aliança, quando a argila cobrindo interior das cestas trançadas se enrijece, são obtidos os primeiros vasilhames. As esculturas votivas, por sua vez, possuem um outro modo de feitura: são produzidas a partir de um mesmo bloco de massa, o que nos permite considerar que sejam essas estatuetas as primeiras esculturas de cerâmica.

Retomamos o ponto inicial, recuperando as discussões sobre sua origem, já ampliadas por nossos percursos reflexivos pelas experiências de docentes e de artistas do barro. Recuperamos as falas de Isabela Sielsky quando nos diz que “Ao não impor verdades, a obra de arte questiona seu espectador e o torna coprodutor, sendo o artista um mediador de situações diversas” (p. 138). Ao que completamos, lembrando que uma autoria compartilhada nos leva a um campo dialógico pulsante. Cada união produtiva carrega um potencial exponencial para novas experiências sobre o modo e o lugar da arte. Com Sieslky ainda, afirmamos que a arte nos leva a um outro modo de vida, quando existir é mais que subsistir, é habitar o mundo (Op. cit.). Por nossa vez, lembramos que os coletivos de aprendizagem podem ser essa primeira ferramenta. E o material, sugerimos o barro para o estado de íntima aproximação com o mundo, a própria terra sendo o chão e a substância potencial para essa disposição.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás. **De Substantiis Separatis**. Rio de Janeiro: Editora Sétimo Selo, 2006.

CAMPBELL, Joseph. **Deusas – os mistérios do divino feminino**. São Paulo: Editora Pals Athena, 2015.

CHAVARRIA, Joaquim-Manuel. **Modelagem – aula de cerâmica**. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

COSTA, Marcus Lontra; SILVA, Raquel. **Celeida Tostes**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2014.

FRADE, Isabela. **Panelas Mágicas**. In Melchior, M. Gastronomia, Cultura e Memória – cerâmica, potes e vasilhames. Rio de Janeiro: Editora Folio, 2018.

_____. **Corpo Oco**. Folder de Exposição Corpo Oco. Rio de Janeiro: Departamento Cultural da UERJ, 2015.

FRICKE, Johann. **A Cerâmica**. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

MCCULLY, Marilyn. **Picasso's Ceramics: Jupiter in the Pottery**. In Picasso Ceramics. In HOLM, M. (ed.). Louisiana: Louisiana Museum of Art, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Sérgio. **Desapego**. Folder de Exposição Desapego.. Rio de Janeiro: Departamento Cultural da UERJ, 2010.

PAIM, Gilberto. **A Beleza sobre suspeita**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

PENIDO, Eliana; COSTA, Sílvia S. **Oficinas: Cerâmica**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 1999.

SIELSKY, Isabela. **Círculo do Barro – do objeto à experiência do encontro**. In Territórios & Sociabilidade – temas e práticas interdisciplinares. Florianópolis: Editora PEST, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise Econômico-financeira 83
Aprendizagem Organizacional 88, 89, 136, 361
Atividade Física 43, 44, 46, 47, 48, 51
Auditoria 83, 84, 86, 190

C

Capacidade Absortiva 7, 88, 89, 90, 91, 93, 95
Cerâmica 7, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 157
Compartilhamento 27, 29, 30, 31, 38, 39, 41, 42, 92, 116, 122, 177, 326, 334, 344, 360
Comunidade de Aprendizagem 111, 362
Conhecimento 6, 7, 9, 10, 2, 5, 6, 7, 9, 10, 14, 16, 17, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 55, 58, 62, 63, 64, 65, 73, 74, 82, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 98, 113, 115, 116, 126, 127, 130, 132, 135, 136, 138, 140, 141, 149, 160, 161, 168, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 192, 201, 205, 206, 208, 210, 216, 219, 223, 235, 248, 265, 274, 276, 277, 278, 279, 292, 293, 295, 297, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 316, 317, 321, 323, 333, 335, 336, 338, 340, 342, 343, 344, 346, 349, 360, 361, 362, 363, 367, 368, 369, 371, 388, 390, 394, 405, 406, 407, 411, 414, 416, 418
Contabilidade Pública 83
Cooperação 7, 47, 93, 114, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 169, 170, 172, 180, 228, 229, 280, 361, 397, 398

D

Desastres Climáticos 7, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109
Desconsideração 6, 20, 21, 22, 23, 24, 25
Desenvolvimento Econômico 5, 7, 25, 30, 124, 136, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 239, 241, 280, 360
Desenvolvimento Social 75, 140, 141, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 194, 202, 348, 357
Direito empresarial 6, 20

E

Educação Intercultural 1, 13, 14
Ensino Prisional 53, 55
Estado 6, 8, 1, 31, 32, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 58, 61, 67, 75, 81, 103, 105, 110, 113, 114, 117, 120, 122, 130, 132, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149,

150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 183, 188, 189, 204, 206, 207, 208, 209, 222, 224, 230, 231, 235, 246, 247, 251, 252, 257, 263, 274, 316, 320, 326, 336, 348, 349, 351, 358, 371, 415

etnoReconhecimento 1, 2, 3, 17, 18

Extensão Acadêmica 111

G

Gestão 6, 8, 3, 5, 27, 28, 29, 30, 36, 37, 40, 41, 88, 89, 93, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 130, 138, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 174, 175, 177, 187, 188, 190, 191, 198, 199, 200, 201, 202, 219, 223, 226, 228, 229, 230, 231, 236, 237, 238, 241, 242, 243, 281, 282, 295, 352, 357, 370, 388, 395, 397, 405, 416, 418

Gestão do conhecimento 6, 27, 29, 36, 40, 88, 174, 177

Guerreiro Ramos 6, 68, 69, 70, 71, 74, 76, 80

I

Inovação 7, 27, 29, 36, 38, 39, 41, 75, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 152, 153, 155, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 184, 269, 359, 360, 361, 364, 371, 375

Inteligência 6, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 52, 271, 272, 339, 340, 377

J

Justiça do trabalho 20, 21, 22, 24, 25

K

Karl Mannheim 68, 69, 70, 71, 81, 82

L

Liderança 7, 47, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 131, 156, 157, 165, 170, 171, 182, 280, 362

M

Municípios Paranaenses 7, 100, 102, 104

Museus 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 313, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 329, 330, 331

P

Personalidade Jurídica 6, 20, 21, 22, 23, 24, 25

Pesquisa Aplicada 124, 125, 133

Pesquisa Básica 124, 125, 131

Planificação 6, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 116

Policial Militar 43, 45, 47, 48, 49

Prática Estratégica 53, 59, 61, 67

Projeto de Arte 111

Projeto de Remição pela Leitura 53, 57, 58, 60, 63

Psicologia Militar 43, 46

R

Reforma Trabalhista 6, 20, 21, 24, 25

Resiliência Financeira 7, 100, 101, 102, 104, 105, 108

Revisão sistemática 7, 88, 92, 95

S

Saúde do Trabalho 43

Segurança Pública 5, 6, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 49

Suicídio 43, 47, 49, 50, 51, 52

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Editora
Ano 2021

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021